



ST6. HISTÓRIA AGRÁRIA DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA SOCIAL E AMBIENTAL

316

ECONOMIA AÇUCAREIRA E A SUA MODERNIZAÇÃO NA OBRA USINA DE JOSÉ LINS DO REGO

*Leonora Cavalcante de Lima¹
José Benjamin Montenegro²*

Resumo: O presente trabalho faz uma análise do processo da modernização açucareira, a partir do discurso literário da obra Usina, do autor paraibano José Lins do Rego. Através de uma pesquisa bibliográfica, identifica se no enredo do romance, espacialidades, correspondentes ao latifundiário açucareiro, a modernização das maquinarias que chegaram às usinas entre as décadas de 20 e 30 nos estados da Paraíba e Pernambuco, causando mudanças no espaço econômico, social e ambiental. O artigo apresenta que, a narrativa Usina reafirma a viabilidade do discurso literário como fonte de pesquisas para o núcleo da história, fazendo relação entre história e literatura.

Palavras-chave: Modernização. Latifúndio. Literatura e ambiente.

A história comumente pode recorrer ao conhecimento social, caracterizado por ser resultado da análise da multidimensionalidade do devir da humanidade, como espaço de verificação de leis empíricas da humanidade muito importantes no processo de construção das análises. Na relação História e Literatura Sevcenko (2003) estabelece que a interligação entre a obra literária e a sociedade, é possibilitada pela liberdade condicional de criação do escritor. Além disto, através, da literatura é possível entrar em contato com elementos que não foram registrados pela historiografia tradicional com impressões populares sobre comportamentos dos personagens. É neste embasamento de relação história e literatura que trabalho neste artigo a modernização e o açúcar, a grande economia do nordeste brasileiro.

A literatura é fonte para o historiador na medida em que abre problemáticas de pesquisas, que levantam questões a serem discutidas sobre a vida, os valores e os anseios. De acordo com Roger Chartier, os textos literários quando são usados pelos historiadores perdem a sua natureza literária para serem reconduzidos ao estudo de documentos válidos por que mostra, de um outro modo, o que a

¹ Aluna do curso de História, Unidade acadêmica de História da UFCG. EMAIL: leonoracavalcante21@gmail.com

² Professor Doutor Do curso de História, Unidade acadêmica de História da UFCG. EMAIL: jbenjamimmontenegro@hotmail.com

análise social estabeleceu pelos seus próprios processos. (CHARTIER, 1990, p.62)

Com a chegada das usinas e suas modernizações os engenhos foram entrando em decadência, os trabalhadores foram sendo substituídos por máquinas e os rios e açudes contaminados pela calda da cana-de-açúcar, extraída do processo da fabricação do açúcar que eram despejados nesses reservatórios de água naturais, prejudicando o ambiente e toda a população que norteava as usinas. A Narrativa Usina reafirma a viabilidade do discurso literário como fonte de pesquisas para o núcleo da história, construindo a interpretação da modernização, da economia e dos problemas ambientais que envolveram a sociedade nordestina.

A obra Usina de José Lins do Rego proporciona para o historiador, o momento da ascensão do açúcar como também o momento de sua grande crise na economia nordestina, tornando-se desta forma uma fonte documental do sistema canavieiro das décadas de 20 e 30 do século passado. Sabemos que a economia nordestina foi estabelecida por muito tempo com base na cana-de-açúcar e em “Usina” livro de Zé Lins, mostra-se uma mudança radical. O trabalho assalariado é implantado, os resquícios da escravidão são afastados, relações de afetividade são destruídas e em seu lugar, se coloca a racionalização dos processos e do aproveitamento da terra com exclusividade para o plantio da cana.

Analisando o livro, o Dr. Juca do Pau-d’arco, personagem da narrativa, enfeixava em suas mãos todos os poderes dessa transformação. Ele era ambicioso, queria uma usina, alcançar o progresso que outras usinas tinham conseguido com a inovação de turbinas e vácuos. E foi com a decadência do bangüê, aonde o seu velho pai fez fortuna, que o Dr. Juca se animava a tentar a grande aventura da construção da usina. Ele sonhava com a fábrica, com o prestígio e as importâncias dos usineiros. O açúcar cristal fazia fortuna da noite para o dia e os pobres senhores de engenho seriam pobres bonecos diante da riqueza das usinas.

Segundo Coutinho (1980) A usina Bom Jesus nasceu dessa fraqueza, e da luta entre a São Félix gananciosa e a família do velho José paulino queria resistir a invasão. Dr. Juca sonhava com o poder e com o posicionamento social que a usina impunha, portanto, o Santa Rosa foi o engenho escolhido pelas suas condições naturais, para ser sede da nova usina de cana de açúcar. A partir deste ponto já consegui observar a preocupação que havia de implantar na área da agricultura, a modernização isso era sinônimo de riqueza e prestígio social. Depois de tudo concordado por toda família, o Dr. Juca colocou a Bom Jesus para funcionar, ela cresceu, o açúcar rendeu dinheiro como nunca e com dois anos veio a ideia de algumas reformas de modernização para a usina.

A usina crescia novas máquinas, estradas de ferro particular e uma zona de primeira ordem. A usina Bom Jesus marchava para se emparelhar com a São Félix. Diziam que o bagaço da cana saía dela como farinha e em quatro anos fizera-se um progresso espantoso, bastava-se ver o novo terno de moendas chegado da América. (REGO, 2010, p. 95)

A modernização da economia açucareira foi um processo que visava dar maior poder de competitividade ao açúcar brasileiro no mercado internacional. Para isso, foram tomadas medidas que introduziram novos sistemas de produção das unidades produtivas assim como conta José Lins do Rego. Muitas destas inovações foram apoiadas pelo governo e foi com elas que surgiram os engenhos centrais e as usinas de

açúcar, que ocuparam progressivamente o lugar dos engenhos banguês. Porém de acordo com Perucci:

A usina é uma empresa privada, sem obrigações com o Estado, com toda liberdade de se instalar onde pretendesse o empresário; ela é livre sobre tudo para plantar suas próprias canas, que foi fatal aos engenhos tradicionais. (PERUCCI, 1978, p. 123)

Esse processo de modernização gerou mudanças como um grande aumento na produção, melhoria de qualidade no produto, alterações significativas no espaço agrário e importantes transformações sociais, porém trouxe consigo o desastre ambiental como poluição de rios e açudes que abastecia o povo, sem falar na mão de obra que fora substituídas pelas máquinas estrangeiras que nem todos podiam usar causando desta forma um acréscimo de desemprego e fome aos arredores das usinas.

De acordo com Sousa (2011) as usinas eram a personificação de um capitalismo agressivo, que estavam em luta com os velhos banguês, outras usinas e suas concorrentes, representando ainda uma grande ameaça para o Rio Paraíba, assim como este, também era uma ameaça para elas. O nordeste brasileiro era afamado como até hoje, sobre as temporadas de seca do sertão, a falta de água matava o gado e a plantação, trazendo pobreza à população, que neste período migravam para a zona da mata onde a água era mais abrangente, a procura de trabalho e alimentação, esses trabalhavam nas usinas. Em tempos de cheia quando o inverno bravo chegava muitas pessoas da perdiam suas plantações, o rio levava tudo assim como narra Zé Lins:

Nunca ninguém pudera com o Paraíba, cheio de vontades entrando pelas várzeas, subindo pelos altos, matando cana, cobrindo tudo de lama. Árvores podiam cortar, terras podiam trabalhar, lajedos e pedras podiam saltar no estopim, mas o rio quando crescia de cima, brancos negros sabiam o que era uma cheia, uma força que vinha de Deus. Ninguém podia parar as suas correntes, ele comia a terra que bem queria. O rio era dos pobres. (REGO, op. Cit., p. 161)

Sobre a economia açucareira, produção e exportação pode se dizer que, durante o período da Primeira República o Nordeste foi considerado globalmente como o período de transição que caracterizou a substituição progressiva dos engenhos pelas usinas, ou seja, esse período marcava no nordeste a decadência da antiga aristocracia da cana-de-açúcar e o surgimento de grupos sociais, baseados no desenvolvimento industrial e financeiro. De acordo com Perucci (1978) Nos fins do Império e começo da República, aparecem na região os engenhos centrais e as usinas que transformaram toda a situação da economia açucareira. Isto se percebeu com o crescimento demográfico das cidades, o progresso urbano tinha estabelecido novas relações sociais, políticas e econômicas.

(...) o controle do mecanismo da produção é modificada, isto é, o grupo dos grandes senhores rurais é absorvido progressivamente pelo capitalismo urbano. A monocultura do açúcar para a exportação permanece sempre intacta; é sua modernização e seu controle pela cidade que representam uma nova situação. (PERUCCI, 1978, pp. 105-106)

Como a usina foi uma transformação social e econômica, assim também ela foi um problema para o meio ambiente, prejudicando também a economia, o social e a

população. O exemplo desse processo histórico está retratado no livro Usina de José Lins do Rego. A usina, Bom Jesus que já tinha alcançado seu ápice, precisava acompanhar a modernização tão falada trazida do estrangeiro. Foi a partir daí que começou o declínio da Bom Jesus. Para transformar toda a usina com uma mecanização moderna digna das usinas de Pernambuco o Dr. Juca contratou uma empresa Americana para fazer todo o trabalho de modernização. Antes disso o Dr. Juca já se encontrava em uma situação financeira de progresso chegando a comprar os banguês e engenhos que não suportaram poderio das usinas e dos usineiros. Possuidor do rio Paraíba, o mesmo começou a ser prejudicado por essa modernização das usinas sendo poluído pela calda fedorenta da usina, que era despejada dentro do Paraíba sem falar nos açudes que eram reservatórios de água para toda a população, causando desta forma a falta de água pura, como conta Zé Lins no seguinte trecho:

A usina arrasara o Paraíba com a podridão de suas caldas. O povo cavaca cacimba na beira do rio, furava até encontrar água salobra. E era assim que se defendia de sede, nos meses de seca. A água cortava sabão, mas sempre servia para beber. A Bom Jesus agora despejava suas imundices pelo leito do rio sujando tudo, chamando urubu. E quanto mais a usina crescia, quanto mais crescesse, teria imundiça. O povo tinha nojo da água andavam léguas para trazer um pote de água melhor. Cercavam as cacimbas cobrindo com folhas para evitar os urubus. O único açude de água boa ninguém podia meter a mão porque pertencia a usina. (REGO, 2010, p. 220)

Sobre a região nordeste o açúcar que sozinho ainda atrai as atenções da nação brasileira para ele, o mesmo não o faz senão como uma sobrevivência cultural do passado colonial. Portanto isso de fato esconde a diversificação regional e a nova reorganização do espaço que ali se opera a partir do século XIX, em razão, sobretudo do desenvolvimento da cultura da borracha na Amazônia e a do algodão nos agrestes e sertões nordestinos. Sobre a economia açucareira Prado (2008) nos anos anteriores a 1933 na região sudeste do Brasil, a produção paulista foi gravemente afetada pelo alastramento do Mosaico³. Sofrendo menos com o Mosaico da cana a região nordeste passa por um período de desafio que durou pouco tempo. Houve desta forma uma substituição dos canaviais paulistas por uma variedade mais resistente que reergueu a produção do estado e com restauração paulista a crise do norte chega ao ponto máximo, como se pode observar no texto a seguir:

“A situação tornar-se-á catastrófica quando por efeito das crises sucessivas do café, São Paulo começará a aplicar suas atividades, em escala crescente, na produção do açúcar. Como consumidor que era, sua vantagem sobre outras regiões produtoras que tinham de exportar quase toda sua produção, era considerável. A produção paulista que no ano agrícola (junho a maio) de 1894-1895 era de 96.000 sacas de 60 kg apenas, subiu em 1930-1931 para mais de 1 milhão”. (PRADO, 2008, p. 245)

³ Mosaico da cana-de-açúcar (vírus-“SCMV”) é uma importante doença do sorgo, que causa, em cultivar susceptível, mosqueado ou necroses nas folhas, raquitismo e esterilidade parcial ou total da planta, resultando redução na produção de grãos e de forragem.

[Embrapa Milho e Sorgo](#) Sistemas de Produção, 2 ISSN 1679-012X Versão Eletrônica - 4ª edição Set./2008

A partir dessa informação toda a economia açucareira ficaria daí por diante encerrada dentro de um rígido sistema de quotas distribuídas entre as diferentes unidades produtores como usinas e engenhos do país, sob a direção de um órgão oficial do governo federal o instituto do açúcar e do álcool que se incumbiu de manter preços em nível adequado. Estabilizava-se assim a economia açucareira, livre daí por diante das oscilações de preços e instabilidades da concorrência. Sobre a crise da produção açucareira observarmos, que desde a última parte do século XIX, sobretudo no atual houve uma crescente concentração da produção que terá profundas consequências de ordem econômica e social. Isto implica dizer

Durante a Primeira República, a produção do açúcar do nordeste praticamente estaciona excetuando se alguns anos de superprodução, 1918, 1928 e 1929, no entanto, esta revolução tecnológica durante as primeiras décadas da República provocada pelos engenhos centrais e pelas usinas, não trouxe de nenhuma forma os resultados esperados, pelo menos no que diz respeito ao crescimento da produção. (PERUCCI, 1978, p.109)

Deste modo as demais atividades agrárias, representavam no conjunto do período republicano até 1930, senão um papel medíocre e de insignificante expressão econômica. No açúcar ocorreram circunstâncias particulares que influenciaram na história econômica do período, logo que a produção açucareira representava a maior e principal economia de grandes regiões do país como o litoral do nordeste e uma parte do estado do Rio de Janeiro. No entanto algo sempre temido em economia chega à produção açucareira a crise, e o açúcar brasileiro é progressivamente afetado nos mercados mundiais, como podemos ver nos dados abaixo:

A participação do Brasil no comércio internacional declina então em termos absolutos e já não apenas relativos e essa situação se prolongou até a Segunda Guerra Mundial. Tornando se a média anual da exportação brasileira de açúcar teremos os seguintes dados: (1891-1890....133.000 t) (1901-1910....64.000 t) (1911-1920....62.000 t) (1921-1930....81.000 t) (1931-1940....40.000 t) (PRADO, 2008, p. 244)

Praticamente o Brasil perdera seu mercado no exterior. O que nesse sentido e durante certo tempo ajudou as velhas regiões de monocultura açucareira como a do Nordeste e do Rio de Janeiro, permitindo lhes manter se em vida embora fosse uma vida muito precária. Prado Junior nos informa nesse aspecto que este acontecido se deu pela participação ridícula de apenas 1,6% no mercado do comércio internacional do açúcar, fixado a conferencia Internacional de Londres.

Com a usina Bom Jesus, aconteceu o que o Dr. Juca tanto temia. Com tanto dinheiro gasto em maquinarias modernas vindas do estrangeiro, com o inverno forte acabando com as plantações e o Paraíba devastando tudo, a crise do açúcar chega a Bom Jesus. Quase falido sem dinheiro para se erguer o usineiro se entrega a tristeza e fica sem perspectivas, enquanto o seu inimigo da São Félix com o seu maquinário antigo e com dinheiro suficiente, passa pela crise e compra a Bom Jesus.⁴

⁴ Para quitar as parcelas do financiamento, Dr. Juca contava com os ganhos adquiridos com a venda do açúcar. No entanto em suas projeções desconsiderou a possibilidade de baixas na cotação dos produtos ou problemas no funcionamento da nova maquinaria, fatos que poderiam atingir as finanças da usina.

A grande crise do açúcar pega a Bom Jesus de jeito. Dois anos depois de moagem boa, de cristal de primeira. E o saco de açúcar por 20\$000. Os compromissos enormes os cálculos feitos na alta. As despesas com safras gigantes e a Bom Jesus sem recursos próprios, sem Banco, sem crédito para se aguentar. Quem visse o Dr. Juca de agora não o reconhecia. Perdera o entusiasmo, consumira se na luta, que era superior, às suas forças e as suas qualidades. A usina aparelhada com uma capacidade daquela e lhe faltando o essencial, um fornecimento de numerário, em relação com o valor de produção. (REGO in SANTOS, 2010, p. 96)

Contudo, conforme Perucci (1978) a introdução de máquinas aperfeiçoadas nos engenhos de açúcar implica, pelo menos desde a segunda metade do século XIX, um endividamento progressivo e, conseqüentemente, numa dependência dos produtores em relação aos comissários e aos financistas do Recife. Contudo, se o sistema usineiro provoca mudanças importantes, ela deixa intacta a estrutura de dominação agrária regional, acentuando o caráter monocultor e monoexportador da economia e contribuindo, assim, para o agravamento dos desequilíbrios regionais no Brasil.

Com o fim de tudo na Bom Jesus, de acordo com Rego (2010) A UNIÃO, JORNAL Do governo dera a notícia da venda da Bom Jesus, dizendo que um industrial de vistas largas evitara que uma grande várzea do Paraíba ficasse reduzida com o fracasso da outra usina. Elogiando ainda por si a ação feita pelo Dr. Luiz dono da São Félix. Desta forma se retrata o período de ascensão e crise da economia açucareira presente na obra de José Lins do Rego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CÂNDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo**. São Paulo: Difel, 1979.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e regionalismo**. São Paulo: EDART, 1961.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 17 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUTINHO, Edilberto. **O Romance do Açúcar: José Lins do Rego, Vida e Obra**. Brasília: Livraria José Olímpio, 1980.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Diefel, 2002.

FREYRE, Gilberto. **O Manifesto Regionalista**. 6. Ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de pesquisa social, 1976.

História Econômica da Primeira República/ Sérgio S. Silva & Tamáz Szmrecsányi (organizadores) – 2 ed. Revista. – São Paulo: Hucitec / Associação Brasileira de

Pesquisadores em História Econômica / Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial, 2002.

RAMOS, J. A. **A história da literatura em mil versos**. São Paulo: MGP Editora, 2005.

REGO, José Lins do. **Usina**. 20 Ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

PERUCCI, Gadiel. **A República das Usinas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PRADO, Júnior Caio. 1907-1990. **História Econômica do Brasil**. – São Paulo: Brasiliense, 2008.

SANTOS, Gladson de Oliveira. **José Lins do Rego e a modernização da economia açucareira**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Erli Bandeira. **Engenhos e personagens da mega-narrativa de Lins do Rego**. Campina Grande: Bagagem, 2011.